

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 183 | Volume 22 | 2025

**Os rumos da Igreja Católica no Brasil:
política, democracia e direitos**

Brenda Carranza, Jeferson Batista Silva, Leon Souza,
Regina Facchini, Renan Baptistin Dantas e Tabata Tesser

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 183 | Volume 22 | 2025

**Os rumos da Igreja Católica no
Brasil: política, democracia e
direitos**

**Brenda Carranza, Jeferson Batista Silva, Leon Souza,
Regina Facchini, Renan Baptistin Dantas e Tabata Tesser**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XXI – Vol. 22 – Nº 183 – 2025

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Isaque Gomes Correa

Imagem da capa: Pixabay

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editores: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

APRESENTAÇÃO

Jeferson Batista Silva

Doutorando em Antropologia Social da Unicamp

Regina Facchini

Doutora em Ciências Sociais e pesquisadora do Pagu/Unicamp

Esta edição reúne reflexões apresentadas no seminário “Os rumos da Igreja Católica no Brasil: política, democracia e direitos”, realizado em maio de 2025, numa parceria entre o Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu) e o Laboratório de Antropologia da Religião (LAR), ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Na ocasião, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes gerações e campos de atuação refletiram, de forma on-line, sobre os rumos do catolicismo romano, especialmente no Brasil, em um contexto marcado por acontecimentos históricos: a morte do Papa Francisco, o Conclave e a eleição de Leão XIV. A discussão foi orientada por uma pergunta comum a todas as pessoas participantes: Como o pontificado do Papa Francisco impacta o campo em que cada pessoa pesquisa e quais os desafios que se colocam com a eleição de Leão XIV?

Embora a morte de Francisco (21 de abril de 2025) e, conseqüentemente, a eleição de Leão XIV (8 de maio de 2025) fossem acontecimentos recentes, as respostas à questão orientadora suscitaram um debate rico entre expositoras, expositores e a audiência, que participou ativamente do seminário. A isso se somam as trajetó-

rias de anos de dedicação de cada palestrante ao tema catolicismo, o que conferiu densidade às reflexões apresentadas. Esse movimento coletivo despertou o desejo de aprofundar os debates de forma mais sistematizada, agora materializados nesta publicação. Como pano de fundo, destacam-se não apenas as transformações em curso no Vaticano, mas também o avanço de forças autoritárias nas democracias ocidentais e suas alianças com setores do catolicismo conservador. Em contraste, têm se manifestado publicamente atores católicos comprometidos com os direitos humanos e a democracia, que rejeitam visões que associam a religião a projetos antidemocráticos e de negação de direitos.

Os textos aqui reunidos foram produzidos por especialistas que dialogam diretamente com esses desafios contemporâneos: Brenda Carranza (LAR/Unicamp) abre o caderno com sua análise sobre os desafios da Igreja Católica de transformar estruturas de poder e avançar em justiça, transparência e escuta real às vítimas em casos de abusos eclesiais. Jeferson Batista Silva (Pagu/Unicamp) recupera o legado multifacetado de Francisco em relação às pessoas LGBTQIA+ para analisar o crescimento de ações pastorais voltadas à diversidade sexual e de gênero a partir de uma perspectiva não condenatória nas comunidades eclesiais brasileiras. Leon Souza (Casa Galileia), por sua vez, parte de sua trajetória nas pastorais sociais para refletir sobre o legado da encíclica *Laudato Sí* e o papel da Igreja no enfrentamento à crise climática. Já Tabata Tesser (LAR/Unicamp) analisa influenciadoras católicas antifeministas que nas redes sociais promovem uma teologia conservadora de gênero baseada na submissão e na moral tradicional. Por fim, Renan Baptistin Dantas (LAR/Unicamp) discute como a direita

católica brasileira influenciada pelo olavismo reagiu com entusiasmo e cautela à eleição de Leão XIV, vista como possível sinal de restauração tradicionalista. Ao explorar disputas internas na Igreja, o autor mostra como o catolicismo tem sido central na rearticulação ideológica da nova direita no Brasil.

Dos casos de abuso de poder à crise climática, dos direitos sexuais e reprodutivos ao uso das redes sociais, do avanço da direita às reações progressistas: as páginas que se seguem resultam de escutas atentas conduzidas por cientistas sociais dispostas e dispostos a colaborar nas reflexões sobre os desafios contemporâneos relacionados à fé e ao catolicismo, à política, à democracia e aos direitos humanos. Ao reunir essas análises, esta edição do Cadernos Teologia Pública convida o leitorado a lançar um olhar crítico sobre o papel e a influência da Igreja Católica no Brasil atual, em um contexto marcado por disputas entre diferentes atores católicos na esfera pública.

Agradecemos à equipe editorial do Instituto Humanitas Unisinos – IHU pelo interesse e pelo espaço generosamente oferecido para o compartilhamento e aprofundamento dessas questões. Estendemos nosso agradecimento à Brenda Carranza, pelo apoio na organização do evento e desta publicação, e à Tabata Tesser, pela colaboração na sistematização do material. Agradecemos também às pesquisadoras e aos pesquisadores que participaram do debate e na elaboração dos textos, bem como às pessoas inscritas no seminário, que contribuíram com questões relevantes que procuramos incorporar, na medida do possível, nas reflexões a seguir. Uma boa leitura!

Papado, poder e escuta: desafios do pontificado de Leão XIV diante da crise dos abusos eclesiais

Brenda Carranza

Doutora em Ciências Sociais e
uma das coordenadoras do LAR/Unicamp

Proclamado Leão XIV como o 267º Papa da Igreja Católica, sucedendo Francisco, imediatamente se evidenciaram os elementos de continuidade simbólica e política em sua figura: sua hispanidade foi exaltada como ponte com a América Latina; sua conexão com Santo Agostinho indicava raízes teológicas profundas; sua afabilidade e sua sintonia com a temática das novas tecnologias, especialmente da inteligência artificial, foram rapidamente celebradas como sinal de um papado preocupado com os desafios contemporâneos. No entanto, esse entusiasmo inicial foi rapidamente matizado por críticas que circularam sobretudo nas redes sociais e em meios progressistas: Leão XIV estaria implicado, direta ou indiretamente, no encobrimento

de casos de abuso sexual clerical, tanto no passado recente, quando bispo no Peru, quanto em fases anteriores de sua trajetória sacerdotal nos Estados Unidos?

Esse contraste entre a imagem pública conciliadora e as acusações persistentes sobre o fenômeno dos abusos sexuais recoloca no centro da análise uma das questões mais estruturantes (e dolorosas) do catolicismo contemporâneo: a forma como a Igreja lida com a violência sexual dentro de suas fileiras eclesiais, e, mais amplamente, com a cultura do silêncio e do poder sacralizado que, historicamente, produziu e acobertou tais práticas (Gusmão; Braga, 2023). A eleição de Leão XIV, portanto, torna-se uma encruzilhada simbólica e institucional: ou o novo pontífice aprofunda os mecanismos de responsabilização criados por seu antecessor, o Papa Francisco (1936-2025), ou veremos o início de um lento processo de erosão da credibilidade pastoral conquistada a duras penas por Francisco, ainda que iniciadas por Bento XVI (1927-2022).

A CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL SOB BENTO XVI E FRANCISCO: MARCOS DE INFLEXÃO

Embora o pontificado de Francisco seja justamente reconhecido por sua ênfase na escuta e na reparação das vítimas, é preciso reconhecer que uma inflexão decisiva já havia sido promovida por seu antecessor, Bento XVI. Em maio de 2011, ainda sob seu governo, foi promulgada uma *Carta Circular às Conferências Episcopais*, orientando a formulação de diretrizes locais para o tratamento dos casos de abuso sexual cometidos por clérigos contra menores. A carta não apenas atribuiu às dioceses a responsabilidade de enfrentar essas denúncias, mas determinou explicitamente que

se levassem em conta as leis civis locais, e não apenas o direito canônico.

Essa postura representou um rompimento simbólico com o padrão anterior de internalização eclesial dos casos de abuso, sendo um marco na abertura institucional à *accountability* externa, isto é: certa sensibilidade que a Igreja possa manifestar como entidade pública obrigada a prestar contas e justificar suas ações e decisões perante seus fiéis e a sociedade civil. Assim, iniciava-se na Igreja uma mudança de mentalidade que reconhecia os limites da justiça intraeclesial diante de crimes que ultrapassam o foro da fé (Kuzma, 2020).

Esse movimento foi aprofundado e sistematizado por Francisco. Seu pontificado ampliou a abordagem institucional inaugurada por Bento XVI, com ênfase na criação de comissões independentes, normas canônicas mais duras, protocolos de escuta e dispositivos de reparação às vítimas. No Brasil, essas transformações se materializaram, por exemplo, na implementação do *Protocolo de Bom Trato*, que articula ações voltadas à prevenção e à responsabilização nos casos de abuso constatado (Lux Mundi, 2020). O protocolo prevê a criação de comissões em todas as organizações e projetos vinculados a paróquias, ONGs católicas e iniciativas geridas por membros da Igreja, bem como a formação e capacitação de fiéis para o exercício da escuta ativa das vítimas. Inclui ainda a implementação de mecanismos seguros para o acolhimento das denúncias e proteção dos denunciadores (CNBB, 2019). Paralelamente, foram realizados esforços de articulação entre a Igreja e o Judiciário, embora o sistema de justiça brasileiro ainda careça de preparo adequado para lidar com a complexidade simbólica, afetiva e social desses crimes.

Essas medidas respondem a um fenômeno que ultrapassa a Igreja em si: o dos abusos sexuais como expressão de violência estrutural e de abuso de poder em múltiplas esferas, públicas e privadas, religiosas e laicas. Por isso, a visibilidade que a mídia, tanto laica quanto confessional, tem dado ao tema não apenas evidencia a gravidade e extensão dos casos, como também revela o sofrimento humano oculto sob o manto do poder eclesiástico. A crise dos abusos é, nesse sentido, mais do que um escândalo: é um sinal da urgência de transformação estrutural da própria Igreja (González, 2020). Essa transformação, no caso brasileiro, se coloca como condição *sine qua non* para a sobrevivência do catolicismo em um país cada vez mais democrático e religiosamente plural.

LEÃO XIV: UM PONTIFICADO DE CONTINUIDADE OU DE REGRESSÃO?

É nesse terreno delicado que se insere o início do pontificado de Leão XIV. A velocidade de sua eleição, a mais rápida desde João Paulo I, sinaliza um desejo de consenso e estabilidade. No entanto, a natureza desse consenso permanece ambígua. Se, por um lado, Leão XIV reafirmou em seus primeiros pronunciamentos o compromisso com a “Igreja da escuta” e a “paz mundial”, por outro, sua trajetória episcopal é marcada por decisões controversas. Entre elas estão relatos de omissão frente a denúncias internas e lentidão na aplicação de sanções nas dioceses onde atuou: Chiclayo, Peru¹.

1 Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/noticia/2025/05/quem-e-a-organizacao-que-acusa-leao-xiv-de-encobrir-casos-de-abuso-sexual.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2025.

O temor, já vocalizado por setores ligados à Teologia da Libertação e às pastorais da Criança e da Juventude, é que o novo papa opte por uma política de manutenção dos dispositivos existentes sem impulsionar sua efetividade real, algo que o campo progressista da Igreja considera fundamental (Francisco, 2019). Como lembra a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), a credibilidade da missão evangelizadora está diretamente ligada à coerência entre discurso e prática: nenhuma catequese é eficaz se a comunidade de fé não for também um espaço seguro e justo².

Outro ponto crucial é a continuidade do avanço na participação das mulheres. Durante o pontificado de Francisco, sete mulheres foram nomeadas para cargos de liderança na Cúria Romana, algo inédito. Leão XIV deverá decidir se esse gesto prático e simbólico será consolidado como política de igualdade ou se permanecerá como exceção protocolar. O risco de retrocessos sutis é real, e nesse aspecto o apoio ativo das bases e movimentos eclesiais poderá fazer diferença.

ENTRE JUSTIÇA E SOBREVIVÊNCIA: O MAIOR DESAFIO DA IGREJA BRASILEIRA

No fundo, o desafio colocado ao novo papa é o de transformar a estrutura de responsabilização em cultura institucional. Isso significa ir além do enfrentamento dos abusos enquanto “escândalo” e compreendê-lo como revelador de uma eclesiologia do poder a ser urgentemente transformada. Como têm argumentado teólogas feministas, sociólogos críticos e agentes pastorais comprometidos com a justiça, a crise dos abusos revela uma falência ética na relação entre

2 Disponível em: <https://repam.org.br/boas-vindas-ao-papa-leao-xiv-compromisso-com-a-amazonia/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

uma visão pastoral e o exercício da autoridade eclesial (Lecaros, 2024). Enfrentar essa crise não exige apenas medidas disciplinares ou ajustes normativos, mas uma crítica radical às estruturas de gênero, às masculinidades clericais e à sacralização da obediência, ainda muito presentes no imaginário católico institucional.

Mais do que conter danos, Leão XIV terá que disputar sentidos. Sua missão não será apenas a de guiar espiritualmente os fiéis, mas de reformar as bases simbólicas e relacionais do sacerdócio, da autoridade e da eclesialidade. Isso requer coragem para enfrentar não apenas os perpetradores, mas também os gestores e formadores que, ao longo das décadas, naturalizaram o abuso como parte do “mistério do sofrimento”, ou pior, como expressão de fidelidade espiritual.

Para compreender a profundidade dessa tarefa, é necessário alargar a noção de abuso. Os abusos sexuais, embora mais visibilizados, são apenas a face mais explícita de um sistema de violências múltiplas, cuja base comum é a assimetria de poder (Duhau, 2022). Além do abuso sexual, é preciso nomear o abuso de poder exercido de forma autoritária, coercitiva ou manipuladora; o abuso de consciência, quando lideranças religiosas instrumentalizam a fé ou a culpa para impor controle; o abuso emocional, que mina a autoestima e autonomia das vítimas por meio de humilhações, chantagens e exclusões; e os abusos *ad intra*, muitas vezes silenciados dentro de ordens, congregações e comunidades sob o pretexto da fidelidade institucional (Angulo, 2021).

Tais abusos não ocorrem de forma isolada. Eles seguem padrões estruturados: isolamento das vítimas, manipulação da informação, doutrinação em sistemas

de crenças maniqueístas (expressão de lógicas binárias), vigilância sobre a vida pessoal e imposição de uma autoridade absoluta. Para Suárez (2021), trata-se de pedagogias abusivas e nefastas que operam tanto nos corpos quanto nas consciências e que são reforçadas por uma estrutura hierárquica historicamente protegida da crítica.

O perfil dos agressores, como apontam estudos recentes, raramente se encaixa em categorias patológicas evidentes. Muitos são socialmente funcionais, carismáticos, estrategicamente posicionados e altamente adaptáveis às normas institucionais. Traços como narcisismo, baixa empatia, habilidade para manipular relações e explorar vulnerabilidades fazem parte de um repertório que passa despercebido, justamente por operar sob a capa da piedade e do zelo pastoral (Angulo, 2021). Não por acaso, são capazes de estabelecer vínculos estreitos com figuras de poder dentro e fora da Igreja, ampliando sua capacidade de atuação e de impunidade (Carranza; Rosado-Nunes; Ribeiro, 2024).

As vítimas, por sua vez, não devem ser compreendidas apenas como alvos passivos, muitas delas possuem históricos de fragilidade afetiva, insegurança, necessidade de reconhecimento externo e feridas espirituais ainda não curadas. Essas marcas as tornam particularmente suscetíveis às estratégias sutis de manipulação emocional e religiosa (Figuerola, 2023). Em muitos casos, nem sequer se reconhecem como vítimas, tamanha é a normalização da dor e do sacrifício em nome da fé. O abuso espiritual, nesse sentido, é uma das formas mais perversas de violência, pois se apresenta como cuidado, exigência de uma vida se-

gundo os preceitos evangélicos ou prova de vocação à vida sacerdotal e/ou consagrada em Congregações Religiosas femininas ou masculinas (Suárez, 2021).

A persistência do encobrimento não se explica apenas pela má-fé de indivíduos, mas por um conjunto de fatores estruturais que o sustentam. Entre eles, destacam-se a dificuldade de comprovar abusos não sexuais de forma objetiva, a ausência de distanciamento institucional para reconhecer a violência quando vivida de dentro, a naturalização de práticas abusivas sob a lógica da autoridade sagrada e uma noção arcaica de lealdade, que interpreta qualquer crítica como ameaça. Em outras palavras, as próprias estruturas religiosas e eclesiais podem reproduzir lógicas que silenciam, protegem e perpetuam o abuso de poder, consequentemente, diversas formas de abuso: espiritual, sexual, psicológico e institucional (Lecaros; Suárez, 2024).

Nesse cenário, a Igreja Católica no Brasil, profundamente marcada por desigualdades sociais, polarizações religiosas e uma crescente concorrência entre outras opções religiosas, quer que sejam cristãs quer que sejam fora de sistemas tradicionais, enfrenta uma encruzilhada decisiva. A sobrevivência do catolicismo brasileiro, cada vez mais democrático e religiosamente plural, dependerá de sua capacidade de renunciar ao clericalismo e às zonas de impunidade que ainda resistem à transparência.

A construção de uma Igreja segura, justa e crível exige coragem institucional. Requer abrir os arquivos, auditar estruturas, proteger as vítimas e formar agentes pastorais livres da lógica da dominação e de abuso de poder. Exige, sobretudo, o abandono da cultura da

sacralização do poder, o que pode significar dar um passo teológico, pastoral e político de consequências profundas.

A Igreja do futuro se constrói agora, entre arqui-vos abertos, estruturas auditáveis e o testemunho ético de quem tem poder para mudar. Se o Francisco inaugurou o tempo da escuta, Leão XIV será julgado pelo que fizer, ou deixar de fazer, com aquilo que escutou. Esse futuro dependerá não apenas da força de voz pública da Igreja, mas sobretudo da coragem com que enfrentar seus silêncios mais profundos, especialmente aqueles que cercam os abusos eclesiásticos.

REFERÊNCIAS

ANGULO, I. (2021). La presencia innombrada Abuso de poder en la Vida Consagrada. *Teología y Vida* 62/3, p. 357-388. <https://orcid.org/0000-0003-3682-4151>

CARRANZA, B.; ROSADO-NUNES, M.J.; RIBEIRO, J. C. de Paula. (2024). Abuses in the Catholic Church in Brazil. In: LECAROS, Veronique; SUÁREZ, Ana Lourdes (Edited by). *Abuse in the Latin American Church: An Evolving Crisis at the Core of Catholicism*. London and New York: Routledge, p. 25-39.

CNBB (2019). *O cuidado pastoral das vítimas de abuso sexual*. Brasília: Editora CNBB.

DUHAU, J. B. (2022). La primavera de la Iglesia al sofocante verano de la crisis de los abusos en los movimientos y nuevas comunidades. *Teología y Vida* 63/3, p. 323-354. <https://doi.org/10.7764/TyV/633/4/367-398>

FIGUEROA, R. Tombs, D. (2023) Obeying God's Plan? The Spiritual Abuse of Nuns: Theology, Ethics, and Social Justice. In: FLEMING, Daniel J.; KEENAN, James F.; ZOLLNER, Hans (Ed). *Theology_and_ Theo-*

logical Ethics _in the_ Face of the Abuse Crisis. Eugene Oregon: PickwickPublications, p. 140-157. [https://doi.org/ 10.55476/001c.72062](https://doi.org/10.55476/001c.72062)

FRANCISCO. (2019). *Diretrizes para a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis*. Roma. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190326_latutela-deimiori.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

GONZÁLEZ, F. (2020). Diferentes estrategias clericales para intentar neutralizar las denuncias o manejar diversos grados de impunidad. *Pederastia clerical o el retorno de lo suprimido*. Ciudad de México, Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM.

GUSMÃO, F.; BRAGA, G.M. (2023). *Pedofilia na Igreja: um dossiê inédito sobre casos de abusos envolvendo padres católicos no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Máquina de Livros.

KUZMA, C. (2020). La Iglesia frente a los abusos. El clamor de las víctimas como punto de interpelación. In: PORTILLO, Daniel (ed.). *Teología y prevención: Estudio sobre los abusos sexuales en la Iglesia*. Sal Terrae, Buena Prensa, España. p. 38-65.

LECAROS, V. (2024). Clerical in its Latin-American variant. In: *Abuses in the Catholic Church in Brazil*. In: LECAROS, Veronique; SUÁREZ, Ana Lourdes (Edited by). *Abuse in the Latin American Church: an evolving crisis at the core of Catholicism*. London and New York: Routledge, p. 89-106.

LECAROS, V; SUÁREZ, A.L. (2024). Introduction. In: *Abuse in the Latin American Church: an evolving crisis at the core of Catholicism*. Veronique Lecaros and Ana Lourdes Suárez (Edited by). London and New York: Routledge, p. 1-10.

LUX MUNDI (2020). Disponível em: <https://nucleoluxmundi.crbnacional.org.br/coordenadora-do-projeto-nucleo-lux-mundi-eliane-de-de>



[-carli-e-escolhida-para-a-pontificia-commissione-per-la-tutela-dei-minori-um-grupo-de-especialistas-em-temas-de-prevencao-de-v/](#). Acesso em: 8 ago. 2023.

SUÁREZ, A. L. (2021). *Las Siervas del Plan de Dios piden perdón por acciones abusivas*. Disponível em: https://www.religiondigital.org/opinion/Siervas-Plan-Dios-acciones-abusivas-sodalicio-figari-monjas-siervas_0_2474452532.html. Acesso em: 24 jun. 2023.

Francisco, Leão XIV e os caminhos da cidadania religiosa LGBTQIA+

Jeferson Batista Silva

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Unicamp/Pagu-Unicamp

“Se uma pessoa é gay e busca a Deus, quem sou eu para julgá-la?”¹ Esta célebre frase do Papa Francisco, dita em julho de 2013, inaugurou uma relação inédita entre um pontífice e as pessoas LGBTQIA+², especialmente aquelas que, apesar das dificuldades, continuam encontrando sentido na pertença à fé católica. Trata-se

1 Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130729_papa_gays_entrevista_jp. Acesso em: 23 jun. 2025.

2 Não há consenso sobre a sigla que representa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e outras identidades sexuais e de gênero dissidentes. Neste texto, utiliza-se a sigla LGBTQIA+ por ser mencionada durante a pesquisa de campo, embora variações como LGBT, LGBTI e LGBTQAIP+ também tenham sido registradas.

da primeira vez que um papa pronunciava publicamente a palavra “gay” – e o fazia não para condenar, mas para abrir uma janela de diálogo.

Embora Francisco não tenha alterado a doutrina – o *Catecismo* ainda classifica os atos homossexuais como intrinsecamente desordenados³ – e, em alguns momentos, tenha reforçado discursos ligados à chamada “ideologia de gênero”, expressão criada por setores ultraconservadores para frear avanços em direitos sexuais, de gênero e raciais, seu legado pastoral e magisterial nesse campo é inegável e multifacetado.

A partir daquela declaração de 2013, seguiram-se outras no mesmo sentido, além de audiências e encontros com grupos e pessoas dissidentes de sexo-gênero e manifestações de preocupação com leis civis que criminalizam a homossexualidade ou não reconhecem os direitos civis dessa população. Nos últimos anos de seu pontificado, a Santa Sé reconheceu ainda de forma inédita a presença de fiéis LGBTQIA+ na Igreja quando autorizou, mesmo que de forma condicionada, bênçãos a casais homossexuais. O pontífice do fim do mundo marcou uma inflexão importante nesse debate.

3 O *Catecismo da Igreja Católica* (1992) foi promulgado pouco depois de a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirar a homossexualidade da lista de doenças (1990). Nele, os atos homossexuais são definidos como “intrinsecamente desordenados” (n. 2357), embora se recomende acolhimento e respeito às pessoas homossexuais (n. 2358). A principal crítica é que essa formulação adota uma visão biologizante da sexualidade, desconsiderando uma antropologia teológica mais ampla. Em 2023, o cardeal Jean-Claude Hollerich questionou essa linguagem, por considerá-la desumanizante e pastoralmente limitada. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/627463-cardeal-hollerich-pede-para-excluir-do-catecismo-que-as-relacoes-gays-sao-intrinsecamente-desordenadas>. Acesso em: 24 jun. 2024.

As mudanças pastorais propostas por Francisco no acolhimento de pessoas com orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes não surgiram do acaso. Elas são resultados diretos da articulação de base de pessoas católicas LGBTQIA+: como sempre lembrava Cris Serra (1974-2023)⁴ em suas manifestações públicas, o primeiro grupo católico para homossexuais no mundo foi fundado em 1969, nos Estados Unidos, antes mesmo da Rebelião de Stonewall, o marco do movimento gay no ocidente.

É nesse contexto que católicos LGBTQIA+ aguardavam com expectativa e também com certa ansiedade o resultado do Conclave que elegeu Leão XIV. A escolha dos cardeais recaiu sobre o estadunidense Robert Francis Prevost, bispo agostiniano com experiência pastoral na América Latina e então prefeito do Dicastério para os Bispos, já atuando na Cúria Romana. A pergunta que se impunha naquele momento e que ainda permanece é: como o novo papa irá abordar o tema? O legado de Francisco será reconhecido e levado adiante?

Aqui no Brasil, os católicos LGBTQIA+ organizados acompanham com atenção os primeiros meses de Leão em Roma. São cristãos leigos e leigas, familiares, amigos, religiosas e sacerdotes aliados que começaram a se organizar a partir dos anos 2000 na reivindicação da compatibilidade entre a pertença religiosa católica e a diversidade sexual e de identidade de gênero. Este texto, portanto, reflete sobre a ação coletiva dos atores

4 Cris Serra (1974-2023) foi uma figura marcante na defesa dos direitos humanos, especialmente das pessoas LGBTI+ cristãs. Suas contribuições na academia, no ativismo e na psicologia ajudaram muitas pessoas a encontrar formas de viver com mais dignidade, menos violência e em espaços seguros de respeito e acolhimento. Trabalhamos juntos na Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+, organização que ela ajudou a criar.

ligados à Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+, organização fundada em 2014 no Rio de Janeiro (RJ) que agrega esses atores no país.

Argumento que, inseridos no processo de cidadanização da homossexualidade e de outras expressões dissidentes de gênero e sexualidade ocorrido nessas primeiras décadas dos anos 2000, esses atores constroem uma noção de cidadania religiosa plena, articulando lutas por direitos tanto no campo religioso quanto no secular. Nas palavras e gestos de Francisco, encontraram ferramentas estratégicas para avançar em suas ações pastorais por uma Igreja mais aberta para as questões da diversidade sexual e de identidade de gênero. Acompanho e integro esta Rede desde 2017, tanto como pesquisador na área de Antropologia Social quanto como membro da organização. É desse lugar que atesto o impacto da declaração sobre bençãos a “casais do mesmo sexo”, emitida pela Santa Sé em 2023.

FIDUCIA SUPPLICANS: A BÊNÇÃO PARA CASAIS HOMOSSEXUAIS

O documento *Fiducia Supplicans: sobre o sentido pastoral das bênçãos*⁵, publicado em dezembro de 2023, oferece diretrizes sobre “a possibilidade de abençoar casais do mesmo sexo e sobre a possibilidade de oferecer novos esclarecimentos, à luz da atitude paterna e pastoral do Papa Francisco”. Embora reafirme que o casamento sacramental continua sendo uma união entre homem e mulher, o texto permite que padres ofereçam bênçãos simples e informais, sem rituais li-

5 Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20231218_fiducia-supplicans_en.html. Acesso em: 20 jun. 2025.

túrgicos, a casais homoafetivos, desde que isso não seja interpretado como uma equiparação ao matrimônio.

O texto, portanto, abre possibilidades de dar visibilidade a essas pessoas dentro da Igreja. É preciso contextualizar que esse texto de 2023 foi publicado para esclarecer um *Responsum*⁶ do Dicastério para a Doutrina da Fé a um *dubium* sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo de 2021, que, naquele momento, se mostrou mais duro em relação a essas bênçãos. Curiosamente, a resposta da Santa Sé para esclarecer uma dúvida deixou ainda mais questionamentos no ar. Contudo, a mesma publicação deixou evidente que as bases estavam se movimentando, quando afirma: “em alguns âmbitos eclesiais, estão se difundindo projetos e propostas de bênçãos para uniões de pessoas do mesmo sexo”. Ou seja, o dicastério estava ciente da crescente demanda dos fiéis LGBTQIA+ pelo desejo de cidadania religiosa no interior do catolicismo. É um movimento que, de fato, amplia a chamada “cidadania religiosa” dos LGBTQIA+. Ainda assim, a medida “mantém a hierarquia sexual e de gênero” na instituição ao não avançar no casamento gay.

Em resposta à publicação da declaração *Fiducia Supplicans*, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+ expressou apoio ao documento e incentivou o clero brasileiro a seguir suas orientações. A entidade destacou o avanço representado pela abertura da Igreja a um diálogo mais acolhedor com fiéis LGBTQIA+, reafirmando a importância de construir comunidades onde todas as pessoas sejam respeitadas e incluídas. Também pediu sensibilidade da Conferência Nacional

6 Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em: 21 jun. 2025.

dos Bispos do Brasil (CNBB) e dos demais organismos eclesiais diante das demandas de casais LGBTQIA+, colocando-se à disposição para contribuir com a implementação das orientações nas comunidades locais.

A autorização de 2023 prevê que onde não houver condições culturais a aplicação não é obrigatória. É uma estratégia da Santa Sé para conciliar visões distintas numa Igreja hierárquica, mas nada monolítica. Com base no histórico de Prevost e seus primeiros gestos como Leão XIV, é improvável que ele revogue tal possibilidade. Uma estratégia possível é que ele aprofunde a orientação de respeito às realidades locais: onde as bênçãos já acontecem, elas seguirão; onde não ocorrem, não serão impostas. Assim, mantém-se o avanço sem agravar tensões com setores mais conservadores. Como disse, o fato é que os grupos católicos LGBTQIA+ estão hoje mais organizados e fortalecidos. Qualquer tentativa de retrocesso não ficará sem uma reação. Resta-nos esperar para saber se Leão XIV compreende isso.

Afirmar que ser católico e LGBTQIA+ não é uma contradição ainda soa provocativo em muitos círculos eclesiais. No entanto, essa convicção tem orientado a trajetória de fiéis que, desde os anos 2000, reivindicam “um lugar à mesa” na Igreja. A partir de experiências de exclusão, esses sujeitos passaram a se reunir para partilhar a fé, celebrar juntos e criar redes de acolhimento – não como ruptura com o catolicismo, mas como afirmação corajosa de pertença.

A criação do grupo Diversidade Católica no Rio de Janeiro, em 2007, marcou um ponto de inflexão. Outros grupos surgiram em São Paulo, Brasília, Curitiba e em diversas cidades. Em 2014, nasceu a já citada Rede

Nacional de Grupos Católicos LGBTQIA+, presente neste primeiro semestre de 2025 em 11 estados e no Distrito Federal, com 25 grupos, núcleos ou coletivos, atuando como força pastoral, política e espiritual. Promovem também encontros, cursos e estudos, dialogam com outras igrejas e movimentos sociais e, sobretudo, criam espaços seguros para os fiéis, amigos e familiares. Esse trabalho combina o desejo de reconhecimento eclesial com uma crítica contundente às violências perpetuadas pela própria instituição. Ao reivindicarem sua condição de batizados e membros inalienáveis da Igreja, esses fiéis reiteram que sua cidadania religiosa, ainda que negada, é um direito constitutivo e inegociável.

O EFEITO FRANCISCO NO CAMPO LGBTQIA+

Como demonstrado, de um modo geral a leitura de católicos LGBTQIA+ é que a eleição de Jorge Mario Bergoglio como papa, em 2013, inaugurou o chamado “efeito Francisco” na ala progressista do catolicismo, incluindo setores voltados à promoção da cidadania religiosa de pessoas fora da norma sexo-gênero. O efeito Francisco desencadeou uma onda de legitimidade para a articulação de coletivos que já atuavam na base. Celebrações de união homoafetiva, por exemplo, tornaram-se mais frequentes, ainda que sem a chancela oficial. Em muitas paróquias, espaços físicos passaram a ser disponibilizados para encontros de pastorais da diversidade. Religiosas e religiosos de diferentes congregações começaram a se dedicar ao tema. Editoras católicas incorporaram títulos sobre a relação entre Igreja e pessoas LGBTQIA+ em seus catálogos. Um processo de “saída do armário” coletiva se desenhou em diversas frentes. Em termos institucionais, a Rede

Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+ se filiou ao Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), organismo oficial da Igreja Católica que articula e representa os cristãos leigos e leigas. Esta ligação ao conselho possibilitou, por exemplo, membros da organização católica LGBTQIA+ a participar da etapa do Cone Sul do Sínodo da Sinodalidade⁷, realizado em Brasília (DF), no mês de março de 2023. Já na etapa global do sínodo, realizada em outubro de 2024 no Vaticano, a então presidente do CNLB, Sonia Gomes, uma brasileira leiga convocada pelo Papa Francisco para a reunião, chegou a citar que um dos assuntos que levaria para as discussões era a questão das pessoas LGBTQIA+ na Igreja⁸.

Ainda sobre o sínodo, é preciso dizer que a luta pela inclusão de temas relacionados aos católicos LGBTQI+ foi dura na primeira fase da etapa global⁹. Em entrevistas com vários delegados de três continentes diferentes, o *National Catholic Reporter* confirmou que durante as discussões do sínodo, de 9 a 12 de outubro de 2023, sobre o tema da “comunhão”, começaram a surgir tensões sobre como a Igreja poderia estender suas boas-vindas aos católicos LGBTQ e se o uso da sigla “LGBTQ” foi até mencionado. De acordo com as entrevistas, dadas sob condição de anonimato devido às regras sinodais sobre a confidencialidade das discussões da assembleia, os discursos sobre os cató-

7 O Sínodo sobre a Sinodalidade é um processo convocado pelo Papa Francisco para escutar todo o povo de Deus e renovar a forma como a Igreja Católica se organiza e toma decisões. Em vez de partir apenas do alto da hierarquia, a proposta é promover uma escuta ampla, incluindo leigos e mulheres.

8 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/07/mulheres-negras-levam-fieis-do-brasil-ao-sinodo-do-vaticano-a-convite-do-papa.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2025.

9 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633226-catolicos-lgbtq-sao-alvo-de-debate-emocional-no-sinodo-dizem-os-participantes>. Acesso em: 20 jun. 2025.

licos LGBTQIA+ foram proferidos por delegados de diversas regiões, incluindo Europa Oriental, África e Austrália. Em graus variados, as observações expressaram um ceticismo em relação aos esforços para melhor integrar os católicos LGBTQ nos ministérios da Igreja. Essas intervenções foram então contrariadas por vários testemunhos pessoais apelando à Igreja para reexaminar urgentemente a sua abordagem às pessoas LGBTQ, que foram recebidos com aplausos abertos dos delegados sinodais.

Em uma coletiva de imprensa, o prefeito do Dicastério para as Comunicações, Paolo Ruffini, reconheceu algumas dessas tensões, mas disse: “Toda homofobia acordada deve ser rejeitada”. Dada essas controvérsias, eventuais decisões da Santa Sé sobre o acolhimento a homossexuais na Igreja Católica só serão tomadas na sessão do Sínodo dos Bispos marcada para outubro de 2024. Não há um consenso se é bom ou ruim levar essas discussões para a reunião final do sínodo. De um lado, há quem acredite que isso pode ajudar no amadurecimento da questão. Por outro lado, a quem vê isso como uma estratégia de setores conservadores para barrar no texto final uma visão mais positiva sobre pessoas LGBTQI+.

Isso mostra que o efeito Francisco não foi linear. Como mostram relatos de coordenadores locais da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+, ainda existem fortes resistências, censuras e boicotes. O caso ocorrido na Arquidiocese de Belo Horizonte é emblemático. Em 2017, membros da arquidiocese conseguiram criar uma Pastoral da Diversidade Sexual com base em um documento da própria Igreja local destinado a promover uma “Igreja em saída”. Diferentemente

dos grupos existentes até então, que funcionavam de forma mais ou menos autônoma e independente, a pastoral teria um *status* de institucionalidade e reconhecimento do clero local. Em outras palavras, tratava-se de uma iniciativa pastoral mais institucionalizada.

Devido ao ineditismo – um espaço reconhecido pela Igreja Católica para acolher pessoas LGBTQIA+ “sem ser em uma perspectiva de cura”, como comentou um integrante do grupo –, a Pastoral da Diversidade Sexual mineira chamou a atenção de veículos de comunicação. Reportagens em TVs, rádios, portais de notícias e jornais destacavam, de um modo geral, que a Igreja Católica vivia “um novo tempo”, atribuindo ao Papa Francisco um papel importante no que foi classificado como uma “abertura” às pessoas homossexuais, bissexuais e trans. Até no carro de som da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, integrantes da pastoral subiram para falar sobre o trabalho na Igreja Católica.

Não demorou muito para o vinho azedar: grupos conservadores promoveram uma campanha *online* de difamação contra os integrantes da iniciativa. O bispo arquidiocesano também não escapou: foi acusado de promover “a agenda gayzista” na Igreja. Com medo de ir para a fogueira, o prelado decidiu colocar apenas o LGBTQIA+ para arder: gravou um áudio dizendo que, em Belo Horizonte, não existia “Pastoral da Diversidade Sexual, menos ainda qualquer coisa que tenha sombra de ideologia de gênero”.

A sombra da “ideologia de gênero” dificulta que muitas pessoas LGBTQIA+ conquistem espaço de desenvolvimento social e humano, dentro e fora da religião. No livro *Quem tem medo do gênero*, Judith Butler

mostra como grupos conservadores criam medos fantasmagóricos que afetam diretamente os direitos de grupos sociais subalternizados, sendo a suposta ideologia de gênero uma das faces mais evidentes desse fantasma. A filósofa sugere que uma forma de enfrentar esse cenário é não apenas esvaziar “o poder do fantasma de circular e convencer”, mas também “produzir outro imaginário, no qual os alvos do movimento antigênero se aliam para se contrapor a quem destruiria seu direito de habitar o mundo de formas vivenciais e livres”. As pessoas da pastoral mineira não deixaram de se reunir, mas mudaram o nome de seus grupos após a perseguição. Ou seja, seguiram imaginando outras possibilidades de ser e existir para além da discriminação.

O fato é que o principal legado do papa argentino está em ter deslocado o centro do debate: da acusação para o cuidado. Sua atuação reposicionou o magistério, tornando-o mais sensível às experiências das “periferias existenciais”, entre elas a das pessoas LGBTQIA+ que desejam viver a fé sem negar sua identidade. Isso, contudo, não permitiu que os católicos LGBTQIA+ deixassem de ser cidadãos de segunda categoria na Igreja.

Mas, em termos práticos, isso se traduziu na ampliação de espaços de escuta e de acolhimento. A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+ passou a dialogar com setores do clero, participar de espaços institucionais, como o Conselho Nacional do Laicato do Brasil, e promover articulações internacionais, no âmbito da Global Network of Rainbow Catholics. Tudo isso seria impensável em pontificados anteriores. Além disso, a articulação com outras tradições religiosas – como nos encontros ecumênicos organizados pelos próprios

grupos – reflete um catolicismo mais aberto e menos clerical, centrado no protagonismo dos cristãos leigos e leigas.

Trata-se de uma cidadania religiosa “em movimento”, que se constrói na fricção entre exclusão e pertencimento, uma cidadania que se articula com a noção de direitos humanos, mas que se ancora na linguagem do sagrado. Nessa disputa, Francisco foi um aliado estratégico.

AS EXPECTATIVAS SOBRE LEÃO XIV

Que esperar de Leão XIV? Manterá o caminho pastoral aberto por Francisco ou recuará diante das pressões conservadoras que crescem dentro da Cúria Romana? Para fiéis LGBTQIA+, a situação ainda está em aberto. Antes de ser eleito papa, Robert Francis Prevost fez declarações críticas ao “estilo de vida homossexual” e às chamadas “famílias alternativas”, reproduzindo posições tradicionais do clero católico. Com o tempo, passou a adotar um tom mais moderado, reconhecendo a necessidade de acolhimento por parte da Igreja. Já como papa, tem reafirmado a doutrina sobre a família como união entre homem e mulher, ao mesmo tempo que fala em construir pontes e promover o diálogo, o que mantém aberto o debate sobre seu posicionamento. Há um temor de que ele recue em relação aos avanços pastorais promovidos por Francisco, como a bênção a casais do mesmo sexo, ainda que outros vejam sinais de continuidade, especialmente na valorização da autonomia das Igrejas locais.

O Papa Leão XIV escolheu esse nome em homenagem a Leão XIII, pontífice que liderou a Igreja entre 1878 e 1903 e é amplamente reconhecido como o fundador da Doutrina Social da Igreja. A principal referência desse legado é a encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1891, que marcou uma virada na postura da Igreja diante das transformações provocadas pela Revolução Industrial. Nela, Leão XIII defendeu os direitos dos trabalhadores, denunciou as condições desumanas de trabalho e apresentou princípios que inspirariam, nas décadas seguintes, a atuação católica em questões sociais, como justiça econômica, dignidade da pessoa humana e bem comum. Por outro lado, Leão XIII também deixou um forte legado conservador, especialmente na relação entre Igreja e Estado. Em encíclicas como *Immortale Dei* (1885) e *Libertas Praestantissimum* (1888), ele defendeu que o Estado deveria reconhecer a verdade do catolicismo e submeter-se à autoridade moral da Igreja. Em pouco tempo de pontificado, é difícil cravar como será a atuação de Leão XIV em qualquer tema. É verdade que ele já emitiu alguns sinais: cuidados com a inteligência artificial e apelos contra as guerras.

Como disse, o novo papa já fez declarações públicas reforçando que a família é formada pela união entre um homem e uma mulher, o que levou a comparações equivocadas com seu antecessor, sugerindo que Leão XIV estaria se distanciando da posição de Francisco em relação às pessoas LGBTQI+¹⁰. Primeiro, o pontífice não disse nada sobre homossexuais nessas ocasiões. E, segundo, a comparação é infundada, já que o pontífice argentino também afirmou, em diferentes ocasiões, que a família à imagem de Deus é composta

10 Disponível em: <https://exame.com/mundo/papa-leao-xiv-familia-e-baseada-na-uniao-entre-um-homem-e-uma-mulher-e-nao-nascidos-tem-dignidade/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

por “homem e mulher”¹¹. De todo modo, todo Santo Padre é humano, enfrentando as tensões de seu tempo e pelas pressões específicas de seu pontificado. Em um mundo midiático, no qual a vida se desenrola simultaneamente no plano presencial e digital, muitas vezes as interpretações ganham mais repercussão que os próprios discursos originais.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 13-56, 2014.

BATISTA SILVA, Jeferson. “Um lugar à mesa”: Estudo sobre a produção pastoral do ativismo católico LGBT brasileiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

BATISTA SILVA, Jeferson; TONIOL, Rodrigo. Intolerância religiosa contra pessoas LGBT no Brasil: dos ataques à organização política-pastoral. In: ORREGO, Ely (org.). *Las paradojas de la libertad religiosa en América Latina*. São Paulo: Editora Ely Orrego, 2019.

BATISTA SILVA, Jeferson. Cidadania religiosa para dissidentes sexuais e de gênero: o caso dos “grupos católicos LGBTI+” no Brasil. (2024). *Ciencias Sociales Y Religión*, 26(00), e024016.

BATISTA SILVA, Jeferson; RABELLO, Luis F. C. Plurais, alianças ecumênicas podem contribuir para a efetivação dos direitos LGBTQIA+. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 01 jul. 2023.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* Trad. de Érica Vilela. São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

CARRARA, Sérgio. A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 47, p. 445-482, 2016.

¹¹ Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-06/papa-familia-imagem-deus-homem-mulher.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.



DIVERSIDADE CATÓLICA. *Para que os LGBT vivam sua vocação e dignidade de filhos de Deus na Igreja e na sociedade*. 2007.

GRAMICK, Jeannine. “Minha vida para os fiéis LGBT. Feliz com a carta do Papa”. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 12 janeiro de 2022.

LIMA, Luis Correa. *Teologia e os LGBT+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2021.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT. *Manifesto do I Encontro Nacional*, 2014.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT. *Manifesto do II Encontro Nacional*, 2018.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT. *Carta – III Encontro Nacional de Católicos LGBTQIAP+*, 2021.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT. *Carta do IV Encontro Nacional de Católicos LGBTQIAPN+*, 2023.

SERRA, Cris de Assis. “*Vimos pra comungar*”: Estratégias de permanência na Igreja desenvolvidas por grupos de “católicos LGBT” brasileiros e suas implicações. Dissertação (Mestrado em Medicina Social) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.



Ecologia integral: legado de Francisco e desafios para Leão XIV

Leon Souza

Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás e Diretor de Campanhas na Casa Galileia

Minha reflexão parte da atuação em organizações vinculadas às pastorais sociais da Igreja Católica no Brasil e na América Latina, como a Cáritas Brasileira e a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), e atualmente na Casa Galileia, uma organização da sociedade civil que, embora não confessional, articula católicos e evangélicos em ações de comunicação voltadas à justiça climática, à democracia e aos direitos humanos. Embora minha trajetória acadêmica na antropologia tenha se voltado prioritariamente às questões socioambientais, mantenho um vínculo profundo com os debates e práticas do campo religioso, especialmente no que tange à dimensão pública da fé cristã.

Neste texto, proponho uma breve análise da ecologia integral como um dos principais legados do pontificado de Francisco, bem como algumas considerações iniciais sobre os desafios que se colocam diante da recente eleição de Leão XIV.

A publicação da encíclica *Laudato Si'*¹, em 2015, representa, a meu ver, um marco histórico ao reposicionar a pauta ecológica no centro do magistério católico. Mais do que inaugurar uma temática, Francisco reconhece, valoriza e sistematiza reflexões já presentes há décadas entre comunidades, movimentos e pastorais na América Latina. Experiências como as Comunidades Eclesiais de Base, a Comissão Pastoral da Terra, o Conselho Indigenista Missionário e a própria Cáritas desenvolveram, desde os anos 1970, práticas e perspectivas que articulam fé, justiça social e cuidado com a criação.

Durante muito tempo, no entanto, essas experiências estiveram à margem da institucionalidade eclesial, frequentemente deslegitimada teológica e pastoralmente. A temática ecológica, em particular, era tratada como periférica ou acessória, uma espécie de complemento dentro da missão evangelizadora. Ao incorporar a ecologia integral como eixo estruturante da sua proposta pastoral, Francisco retira essa pauta da condição de marginalidade e a inscreve no centro da doutrina da Igreja.

Laudato Si' não é um “documento verde”, como sugeriram alguns de seus críticos. Trata-se de um documento magisterial que propõe uma concepção de ecologia indissociável das questões sociais, econômicas e

1 Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 23 jun. 2025.

espirituais. Francisco articula três dimensões da ecologia – ambiental, social e humana – e denuncia a lógica de exploração e descarte que atravessa o atual modelo civilizatório. Ao fazer isso, insere a crise climática em uma perspectiva histórica e estrutural, vinculando-a ao legado de outras violências, ao racismo ambiental, à financeirização da vida e à desigualdade global. Nesse sentido, o Papa Francisco se soma às vozes de povos, comunidades e pesquisadores para denunciar que a catástrofe climática é um produto daquilo que Elizabeth Povinelli chama de catástrofe histórica do colonialismo, do racismo e de modelos econômicos que deterioraram as condições de existência.

Nesse sentido, a ecologia integral proposta por Francisco demanda uma conversão pessoal e coletiva, que ultrapassa respostas técnicas ou compensações pontuais. Requer uma transformação profunda dos modos de produção, consumo e convivência, bem como uma escuta ativa dos clamores da Terra e dos pobres.

Diante da eleição de Leão XIV, ainda é cedo para afirmar com precisão os rumos que serão tomados. Os sinais emitidos até o momento são limitados, mas relevantes. Em 2023, então cardeal, Leão XIV participou de um seminário internacional em Roma, onde defendeu a superação da ideia de domínio absoluto da humanidade sobre a natureza e a necessidade de passar das palavras à ação na agenda ecológica. Em uma mensagem enviada ao seminário da PUC-Rio pelos dez anos da *Laudato Si'*, retomou conceitos como dívida ecológica e justiça climática, além de mencionar a importância da COP30. Embora breves, tais manifestações indicam, ao menos, a manutenção desses temas em circulação.

É nesse contexto que ganha relevo a Articulação Igreja e COP30, formada por mais de trinta organizações católicas que veem a Conferência das Partes não como um evento isolado, mas como um processo educativo e político para amadurecer o compromisso da Igreja com a crise climática. Essa articulação compreende a COP como um espaço ambíguo, marcado por fortes *lobbies* do petróleo e do agronegócio, o que reforça a necessidade de presença crítica e de pressão articulada da sociedade civil. A Igreja, com sua força política, usada muitas vezes para o bem, mas também, em momentos, de forma questionável, pode tensionar essas estruturas e contribuir para reorientar as conferências climáticas rumo à justiça socioambiental.

Ainda assim, há o risco de que a centralidade dessas pautas seja gradualmente deslocada. Ao adotar como nome pontifício Leão XIV, em referência explícita às revoluções e à era digital, o novo papa sinalizou a Inteligência Artificial como símbolo de seu pontificado. Há, portanto, uma inquietação legítima: a prioridade dada à revolução digital poderá obscurecer ou silenciar temas urgentes como a migração e a ecologia?

Leão XIV pode adotar a estratégia de não desautorizar Francisco, mas também não aprofundar suas prioridades, mantendo-as num campo secundário. Isso seria particularmente preocupante diante da escalada das crises climática e migratória, que exigem novos posicionamentos e atualizações da *Laudato Si'*. Seus diagnósticos seguem atuais, mas suas respostas precisam ser ampliadas. Como sinalizou a provocação de Brenda em um recente seminário, é preciso cautela para que

temas como a Inteligência Artificial não sirvam como cortinas de fumaça para outras urgências que demandam visibilidade, mobilização e ação concreta.

Outro ponto importante diz respeito à forma como a eleição de Leão XIV tem sido narrada publicamente. Desde o conclave, muitos discursos midiáticos e eclesiais o apresentam como alguém capaz de pacificar a Igreja, o que sugere, perigosamente, que o Papa Francisco teria sido responsável por dividi-la. Essa leitura é superficial e desonesta com a própria história da Igreja, que sempre se moveu em meio a conflitos, tensões e disputas de sentido. Como lembrou Tabata Tesser em nossa roda de conversa, o conflito é constitutivo da experiência eclesial, e o que nos move, muitas vezes, é justamente esse dissenso.

A sinodalidade retomada pelo Papa Francisco como narrativa e prática, e anunciada por Leão XIV desde sua primeira aparição como Pontífice, não pode ser confundida com apagamento das diferenças ou busca de consensos rasos. Ao contrário, ela deve ser entendida como espaço para o surgimento de novas vozes, de novos modos de existir e resistir dentro da instituição eclesial. A sinodalidade verdadeira é provocadora, criadora de caminhos, e não um dispositivo de gestão de tensões.

Francisco, inspirado pela Teologia do Povo, não apenas reabilitou moralmente figuras como o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, cuja presença em eventos oficiais de organismos da Santa Sé, como a Cáritas Internationalis, seria impensável anos antes, mas também expandiu o campo do possível na Igreja. Com novos vocabulários e gramáticas, ele incorporou pautas históricas da Teologia da Libertação, como justiça social,

direitos humanos e ecologia, de modo a abrir diálogo com novos públicos e ampliar a incidência pastoral. A partir desse acúmulo, oriundo das Pastorais Sociais, da Teologia do Povo e de experiências comunitárias de fé, o pontificado de Francisco pavimentou caminhos que não podem ser simplesmente abandonados.

A ecologia integral, portanto, permanece como um eixo estruturante para o futuro da Igreja. Caberá a Leão XIV decidir se deseja aprofundar essa trilha e com que coragem o fará. A fé cristã, quando encarnada nas dores do povo e nos clamores da Terra, não é apenas uma espiritualidade, mas um projeto de transformação. E, como tal, exige escuta, coragem e compromisso coletivo.

REFERÊNCIAS

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si' – sobre o cuidado com a Casa Comum*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 23 set. 2025.

POVINELLI, Elizabeth A. *Catástrofe Ancestral: existências no liberalismo tardio*. Trad. de Mariana Lima e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

SANTOS, Renan William dos. *A salvação agora é verde: ambientalismo e sua apropriação pela Igreja Católica*. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Francisco e Leão XIV interpelados pela direita católica olavista

Renan Baptistin Dantas

Doutorando em Ciências Sociais na
Unicamp e pesquisador do LAR/Unicamp

A Igreja Católica é uma instituição guarda-chuva que abriga, desde muito, disputas ideológicas em seu interior, disputas que transpassam os muros da instituição em seus efeitos. A eleição do Papa Leão XIV, ao suceder a governança de Francisco, reavivou e intensificou as discussões em torno dessas tensões, que além de religiosas e teológicas também são políticas.

Esse texto, resultado da comunicação realizada durante o seminário *online* “Os Rumos da Igreja Católica: Política, Democracia e Direitos”, realizado em 20 de maio de 2025 pelo Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu) e pelo Laboratório de Antropologia da Religião (LAR), ambos da Unicamp, propõe uma leitura dessas

tensões a partir de uma pesquisa em andamento sobre o impacto da obra de Olavo de Carvalho na constituição e no fortalecimento da direita católica brasileira.

Tenho compreendido o olavismo como um projeto de hegemonia cultural e política da nova direita brasileira, marcado por um conservadorismo tradicionalista (Bianchi, 2021), que defende um conservadorismo moral, que recusa a modernidade e que combate o chamado “marxismo cultural”. Esse projeto ultrapassa a figura de Olavo de Carvalho e se estabelece como uma rede de formação de intelectuais, influenciadores e ativistas, que atuam em diferentes áreas culturais e do saber – como a filosofia, o direito, a educação e a psicologia – frequentemente sob inspiração do direito natural aristotélico-tomista. No campo católico, o olavismo tem incitado a rearticulação de uma militância moralista, litúrgica e ideológica, que se conecta a uma genealogia da direita católica brasileira que remonta ao Centro Dom Vital, à revista *A Ordem* e à Sociedade Brasileira para Tradição, Família e Propriedade (TFP), podendo ser considerado um epígono destes grupos (Wink, 2024).

A partir da minha pesquisa, que inclui incursões etnográficas em grupos que estabelecem afinidades com essa vertente, identifico três eixos centrais de atuação da chamada direita católica brasileira: o conservadorismo moral, voltado à regulação da sexualidade, à defesa da moral pública e à preservação de papéis sociais tradicionais; o tradicionalismo litúrgico e teológico, com forte recusa das reformas realizadas pelo Concílio Vaticano II e seus efeitos, preferindo a missa tridentina em latim e a teologia exclusivista pré-conciliar, que leva ao pé da letra a máxima “fora da Igreja

não há salvação”; e o engajamento político-ideológico, especialmente evidenciado no envolvimento com o bolsonarismo, contando inclusive com a presença de católicos conservadores no parlamento e em funções administrativas-chave do governo Bolsonaro (2019-2022), como no Ministério da Educação.

Além disso, embora o discurso oficial desses grupos seja marcado por uma defesa rígida da ortodoxia católica e por um forte anticumenismo, na prática política eles estabelecem alianças estratégicas com setores evangélicos da nova direita. Essa coalizão é vista como utilitária: os evangélicos seriam os “peões” da guerra cultural, na linha de frente do combate, enquanto os católicos, especialmente os tradicionalistas, se apresentariam como a elite articuladora do projeto de hegemonia cultural. Essa visão foi expressa por Dom Bertrand em entrevista a Georg Wink (2023), em que diferencia esses papéis dentro da direita cristã¹.

Apesar dessas alianças, é dentro do campo católico que o projeto de restauração ganha densidade doutrinária, litúrgica e institucional. Esses eixos articulam grupos como a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), o Centro Dom Bosco (CDB), a Liga Cristo Rei e até mesmo setores da Renovação Carismática Católica (RCC), como a Comunidade Canção Nova, que vêm assimilando traços de um tradicionalismo mais explícito.

1 Um caso simbólico dessa confluência é o do deputado federal Nikolas Ferreira, evangélico e declarado seguidor de Olavo de Carvalho. Em suas redes sociais, já compartilhou leituras de São Josemaría Escrivá, fundador do Opus Dei, alimentando rumores sobre uma possível conversão ao catolicismo, comemorada como possibilidade por setores olavistas digitais. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/nikolas-ferreira-se-convertera-ao-catolicismo/>. Acesso em: 23 set. 2025.

O peso institucional da Canção Nova, por exemplo, se expressa tanto na presença de deputados ligados à comunidade, como Eros Biondini, quanto na participação em iniciativas como a Frente Parlamentar Católica. Há também indícios de que livros de Olavo de Carvalho têm circulado como bibliografia em cursos ligados à Universidade Canção Nova, apontando para uma aproximação ideológica que, embora não absoluta, reforça o trânsito do olavismo no campo carismático.

É nesse contexto que emerge a identidade dos chamados “tradismáticos” – uma nova forma de subjetividade católica que combina a estética litúrgica tradicional e a espiritualidade carismática. Essa fusão é performatizada por sacerdotes influenciadores como Pe. José Eduardo de Oliveira, Pe. Paulo Ricardo e Frei Gilson, que exercem grande influência digital, desenvolvendo um ciberativismo religioso. O padre José Eduardo chegou a ser investigado pela Polícia Federal no contexto da trama golpista bolsonarista, sendo chamado pela mídia como o autor da “oração do golpe”².

Em todo este universo, percebo que em muitos casos Olavo de Carvalho funciona como uma espécie de “porta de entrada” para a adoção de posturas mais radicais rumo a um conservadorismo tradicionalista católico: começa-se por suas aulas e livros, passa-se a consumir conteúdos de padres como Paulo Ricardo e, em seguida, chega-se ao Centro Dom Bosco. Esse trajeto geralmente forma uma linha de intensificação, conectando formação intelectual, liturgia tradicional e militância política e cultural.

2 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/padre-indiciado-pela-pf-fez-oracao-do-golpe-para-generais-e-ministro-da-defesa/>. Acesso em: 23 set. 2025.

O pontificado de Francisco, nesse cenário, foi lido por esses grupos como a comprovação de uma antiga tese conspiratória: a de que a Igreja Católica teria sido infiltrada por agentes marxistas, especialmente por meio da Teologia da Libertação, concretizando a famosa afirmação de Paulo VI de que a “fumaça de Satanás” teria entrado na Igreja. A ênfase de Francisco no diálogo inter-religioso, suas críticas ao capitalismo e sua defesa do meio ambiente – expressas na encíclica *Laudato Si’* (2015), no Sínodo para a Amazônia (2019), na exortação apostólica *Laudate Deum* (2023) e em diversos pronunciamentos – são tomadas por esses setores como sinais de um modernismo perigoso. O Papa Francisco foi acusado de ser relativista, populista, peronista, socialista, comunista e globalista.

Esse discurso se tornou tão performaticamente eficaz e legitimador para certos setores da direita católica que, em alguns casos, formaram-se verdadeiras autoridades paralelas dentro do campo da Igreja, como é o caso do próprio Centro Dom Bosco – que, em certo sentido, seguindo a estratégia de guerra cultural delineada por Olavo, atua no campo religioso de forma análoga à atuação do Brasil Paralelo na comunicação audiovisual.

Curiosamente, uma das últimas controvérsias que mobilizaram a “bolha católica” conservadora nas redes digitais foi a “guerra dos catecismos”, na qual o Centro Dom Bosco, que há um bom tempo já criticava o Catecismo de João Paulo II – especialmente por, segundo eles, conter uma linguagem dúbia – lançou um livro condenando esse catecismo e sofreu represália da Arquidiocese do Rio de Janeiro³. Essa polêmica eviden-

3 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/abriga-entre-a-arquidiocese-do-rio-de-janeiro-e-o-centro-dom->

ciou um racha interno: o ex-presidente do CDB, Pedro Affonseca, junto com o influenciador Bernardo Küster, realizou uma *live* criticando a postura do grupo, acusando-o de estar criando uma “igreja paralela” – com sacerdotes independentes, estruturas próprias e uma atuação completamente desvinculada da oficialidade da Igreja, movida pela convicção de que caberia a eles restaurar a Igreja e a civilização ocidental no Brasil.

A eleição de Leão XIV gerou, nesse campo, uma reação imediata de euforia. Em uma transmissão ao vivo do Centro Dom Bosco no dia da eleição, seus representantes vibraram ao ouvir o nome “Leão”, numa celebração que lembrava a de um gol em final de Copa do Mundo. A escolha do nome Leão XIV evocou imediatamente a figura de Leão XIII, autor da *Rerum Novarum* (1891), interpretado nesses círculos como símbolo de uma doutrina social baseada na propriedade privada, na autoridade hierárquica e na rejeição ao laicismo estatal. Além disso, Leão XIII também é celebrado por ter resgatado o tomismo como teologia central da Igreja, legitimando-o por meio da encíclica *Aeterni Patris* (1879), o que reforça sua imagem como um papa da tradição e da ordem.

Essa simbologia foi ampliada com o resgate de outros papas chamados Leão, como Leão Magno – lembrado por seu enfrentamento contra Átila, o Huno – e associado à figura do católico guerreiro, do templário cruzadista, que dialoga e tem apelo junto ao imaginário de subculturas da “machosfera” e de grupos *red pill* que circulam no universo digital. Também foi lembrado Leão III, que coroou Carlos Magno como imperador do Sacro Império Romano-Germânico, símbolo do chamado “verdadeiro Ocidente”, em contraste com o bosco/. Acesso em: 23 set. 2025.

Ocidente liberal e secularizado. Nessas leituras, o novo papa parece reunir, no horizonte de esperança desses atores – ao menos esteticamente –, elementos de combate e restauração da tradição.

Outros sinais estéticos também agradaram. Leão XIV utilizou o latim em sua primeira celebração e entoou a oração do *Regina Caeli* em canto gregoriano durante a missa dominical de 11 de maio, o que gerou entusiasmo entre conservadores e tradicionalistas. O novo papa retomou ainda o uso de vestes e objetos litúrgicos tradicionais, como a férula de prata – bastão exclusivo do pontífice – e a mozeta, pequena capa vermelha de veludo usada sobre os ombros, tradicionalmente vestida pelos papas ao se apresentarem ao público, mas abandonada por Francisco. Esses gestos reforçaram a impressão, para esses grupos, de um retorno simbólico a uma ordem anterior, mais solene, mais hierárquica. Enfim, como se observa nesses círculos, há um verdadeiro fetichismo litúrgico em que cada detalhe – da vestimenta aos gestos, do uso do latim à entonação dos cânticos – é saboreado com intensidade estética. Trata-se de uma sensibilidade que atravessa toda a vida eclesial, na qual o tradicional torna-se não apenas sinal de identidade, mas também 1critério de autenticidade.

Contudo, o entusiasmo também foi acompanhado de cautela e suspeita. Setores da direita católica temem que Leão XIV, por ser latino-americano e cidadão peruano, possa estar mais próximo das teologias do continente do que se imagina. O receio é que, embora use a linguagem da tradição, ele possa dar continuidade, sob outra roupagem, à “agenda globalista” atribuída a Francisco. Em especial, o termo “Igreja sinodal”, re-

pedido pelo novo papa em algumas ocasiões, acendeu alertas: a ideia de uma Igreja mais participativa e dialógica é vista por esses grupos como sintoma de contaminação modernista.

Hoje, portanto, assistimos a uma tensão entre esperança e medo dentro do campo conservador católico: esperança de que Leão XIV promova uma restauração litúrgica e doutrinária, e medo de que ele frustre essas expectativas e perpetue o que consideram a decadência da Igreja pós-conciliar.

Concluo propondo que essas reações revelam que estamos diante não apenas de disputas internas à Igreja, mas de um fenômeno mais amplo: a centralidade do catolicismo na reorganização ideológica da direita brasileira. Há, de fato, uma disputa pelo papa – e, mais ainda, pela legitimidade do catolicismo enquanto expressão pública da moral, da política e da verdade. A pergunta que deixo é: quem Leão XIV vai decepcionar primeiro? Porque agradar a todos ele não conseguirá. Por ora, Leão XIV tem acenado a todos os lados. Resta saber se será capaz de construir uma síntese estável entre tradição e abertura, entre autoridade e escuta, entre unidade e diversidade.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Alvaro. Olavo de Carvalho e a guerra cultural das novas direitas. *Em Tese*, v. 18, p. 68-78, 2021.

WINK, Georg. Do tefepismo ao olavismo: vinho velho em odres novos? In: ZANOTTO, Gizele; COWAN, Benjamin Arthur (org.). *O pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP*. Volume III. Passo Fundo: Acervus Editora, 2024. p. 17-58.

WINK, Georg. *Conservadorismo brasileiro e a nova direita*. Belo Horizonte: Editora Emcomum, 2023.

Antifeministas católicas e *influencers*: quem são as missionárias digitais virtuosas?

Tabata Tesser

Doutoranda em Sociologia no Programa de
Pós-graduação de Sociologia da USP/LAR-Unicamp

No dia 20 de maio de 2025, foi realizado o seminário *online* “Os Rumos da Igreja Católica: Política, Democracia e Direitos”, promovido pelo Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu) e pelo Laboratório de Antropologia da Religião (LAR), ambos da Unicamp. O encontro reuniu pesquisadoras e pesquisadores com o objetivo de refletir sobre as transformações recentes no campo católico, a morte do Papa Francisco, o novo conclave, a eleição do Papa Leão XIV e as disputas em torno da religião pública, da democracia e da atuação da Igreja no cenário político contemporâneo. Inserida nesse debate, a reflexão a seguir propõe uma análise das interfaces entre gênero, catolicismo e redes sociais, com foco na emergência de influenciadoras digitais

antifeministas que se apresentam como missionárias católicas virtuosas, articulando religiosidade, moral sexual e ativismo conservador em plataformas digitais.

A presença da Igreja Católica nas redes digitais tem se intensificado nas últimas décadas. A criação da iniciativa *Missionários Digitais*, articulada com o processo do Sínodo sobre a Sinodalidade (2021-2023), é uma evidência dessa tendência. Lançado pelo Dicastério para a Comunicação em parceria com a Rede Informática da Igreja na América Latina, o projeto teve como marco a escuta de mais de 110 mil pessoas, com respostas em sete idiomas. No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) deu continuidade ao processo por meio da Comissão Episcopal para a Comunicação Social, que começou um diálogo com evangelizadores no que chamam de “Continente Digital”¹.

A proposta de escuta sinodal no ambiente digital define dois sujeitos centrais: os influenciadores/evangelizadores, vistos como missionários que anunciam e acompanham com criatividade nas redes, e os seguidores, apresentados como “habitantes” desses espaços em busca de comunidade, pertencimento e respostas existenciais. O projeto estabelece ainda binômios conceituais que orientam sua compreensão: laicato e corresponsabilidade, missão e acompanhamento, solidão e comunhão, instrumento e lugar, real e digital, instituição e carisma.

Nesse contexto que emergem iniciativas para reflexão sobre influenciadores católicos, é fundamental refletir sobre a atuação de agentes femininas que vêm ganhando visibilidade nas redes sociais, mas que ainda

1 Disponível em: <https://missionariosdigitaisbrasil.com.br/o-projeto/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

são amplamente desconsideradas nas análises acadêmicas e clericais, em geral centradas em figuras como os padres Marcelo Rossi, Reginaldo Manzotti, Fábio de Melo, Júlio Lancellotti, Paulo Ricardo, frei Gilson e outros. A ênfase quase exclusiva nos clérigos influenciadores tem ofuscado a crescente presença e influência dos leigos, especialmente das leigas católicas, e o modo como vêm estimulando formas específicas de catolicidade no ambiente digital.

Nesse sentido, destaca-se um nicho de gênero dentro do catolicismo midiático nas redes: o das missionárias digitais virtuosas, mulheres que se identificam como antifeministas e promovem, por meio de uma estética marcada pela fé, moda tradicional, maternagem, doçura e obediência, um ideal ultraconservador e natalista de feminilidade.

Trata-se de um fenômeno emergente como parte de um associativismo católico antifeminista, impulsionado nas redes sociais por uma teologia antifeminista ancorada na Doutrina da Complementaridade e na Teologia do Corpo. Essa teologia, sistematizada por João Paulo II e fortalecida por figuras como Bento XVI, estabelece uma antropologia que define papéis fixos de gênero a partir de uma leitura literal do Gênesis: “Ele os criou homem e mulher”. Segundo essa doutrina, a mulher é chamada a exercer seu “dom natural” da maternidade e da submissão como vocação divina.

O discurso antifeminista católico não é novo. Ele ganha forma no pós-Conferência de Pequim (1995), evento que o Vaticano considerou uma derrota no campo dos direitos sexuais e reprodutivos. Em resposta, a Igreja produziu documentos como a encíclica *Evangelium Vitae* e o *Lexicon* (2003), este último com 103

artigos que contestam temas como aborto, gênero e valorização da reprodução e do casamento heterossexual. O antifeminismo católico tornou-se, assim, uma doutrina consolidada, com base em fundamentos morais e teológicos. No entanto, sua disseminação nas redes sociais por mulheres leigas e jovens *influencers* é um fenômeno recente e significativo.

No Brasil, observamos a emergência de figuras como a católica Pietra Bertolazzi, fundadora do Clube Raízes da Verdade, um curso pago e monetizado que promove uma comunidade feminina baseada em “propósito, ordem e verdade”; Mariana Brito, criadora de clubes de leitura e retiros voltados à formação da “mulher virtuosa” por meio de livros católicos; e Amanda Buttchevits, fundadora do Florescer da Mulher Virtuosa, que combina estética, moda católica e livros antifeministas em sua atuação. Essas influenciadoras operam como missionárias digitais, utilizando estratégias de *e-commerce* e redes sociais para consolidar um mercado moral e afetivo cristão antifeminista.

Tais iniciativas dialogam com o que podemos chamar de uma teologia antifeminista, atualizada em plataformas digitais e articulada com um discurso ultrafeminino, reacionário e mercadológico. Trata-se de uma atuação a partir do laicato sem mediação clerical direta, mas alinhada aos princípios doutrinários do Vaticano. Esses clubes pagos promovem o que chamam de “cura da feminilidade”, associando feminismo ao pecado, à desordem e ao sofrimento. Estimulam a submissão ao casamento, o recato e a vocação doméstica como virtudes superiores, numa lógica de resgate da “ordem natural” e da “verdade católica”. Na maioria

das vezes, aderem discursos virtuosos de sucesso, empreendedorismo e “*coaching* religioso” como forma de alcançar maior público feminino.

Em contraste, as teologias feministas, embora com histórico consolidado no Brasil e na América Latina, enfrentam hoje o desafio de disputar não apenas os sentidos da fé, mas também as audiências digitais. O cenário atual exige atenção às novas formas de propagação do antifeminismo cristão. Se as teologias feministas e dissidentes avançam no campo teórico e eclesial, a teologia antifeminista se populariza, ganha rostos jovens e vocabulário contemporâneo, convertendo doutrinas tradicionais em conteúdos digitais. As *influencers* católicas antifeministas não apenas difundem doutrinas, mas criam redes de consumo, afeto, pertencimento e discipulado entre mulheres jovens católicas, muitas vezes desamparadas pelas instituições, inclusive a católica, e em busca de orientação.

Como refletimos no evento, os rumos da Igreja Católica não são de enfrentamento à construção simbólica da “mulher virtuosa” e da “família ordenada”, que serve de base para a negação de direitos, mas de seu fortalecimento. O campo católico, longe de ser homogêneo, é disputado por distintas vozes. Resta saber se as teologias feministas e dissidentes encontrarão, também, caminhos criativos, digitais e coletivos para se contrapor ao avanço de missionárias digitais virtuosas que, em nome de um Deus-macho onipotente, reatualizam a submissão da feminilidade como forma de vocação pública.

REFERÊNCIAS

BONET-MARTÍ J. (2021). Los antifeminismos como contramovimiento: una revisión bibliográfica de las principales perspectivas teóricas y de los debates actuales. *Teknokultura. Revista de Cultura Digital y Movimientos Sociales*, 18(1), p. 61-71. <https://doi.org/10.5209/tekn.71303>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BONET-MARTI, J.; BIGLIA, B.; CAGLIERO, S. (2023). Da mobilização anti-aborto ao Vox: A incorporação do anti-feminismo na agenda política da direita populista espanhola. *Estudos Ibero-Americanos*, 49(1), e44030. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2023.1.44030>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINEZ, Monise. Fazer o mesmo, sem ser o mesmo: Feminilidades, neoliberalismo e antifeminismo no contexto Goddillywood. *Ex æquo*, n. 42, p. 103-118, 2020. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-2324-9752>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SANT'ANA Martins dos Santos, Jaqueline. Femininas, modestas e antifeministas: o ativismo on-line de mulheres católicas tradicionais. *Religião & Sociedade*, v. 44, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-04382024e440304>. Acesso em: 20 jun. 2025.

WINK, Georg. *Conservadorismo brasileiro e a nova direita*. Belo Horizonte, 2023.

Sobre os autores



Brenda Carranza. Doutora em Ciências Sociais, professora no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais – PPGCS/Unicamp; pesquisadora visitante FAPERJ/RJ; uma das coordenadoras do Centro de Pesquisa de Antropologia da Religião – LAR/Unicamp – <https://www.larunicamp.com.br>; linha de trabalho: gênero, religião e política; membro do Conselho Editorial Revista Ciências Sociais & Religião, do Conselho Editorial *International Journal of Latin-American Religions* e do conselho editorial do Bereia, coletivo de controle da mídia religiosa; linhas de pesquisas: Cristianismo Latino-americano, Sionismo Cristão, Religião e Política; pesquisas em andamento: sionismo cristão no Sul Global, aborto e objeção de consciência nos profissionais de saúde pública no Brasil e América Latina. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7823709627972135>.



Jeferson Batista Silva é jornalista formado pela PUC-Campinas (bolsista ProUni), com período de mobilidade internacional na Universidade de Lisboa, em Portugal. É antropólogo, mestre e doutorando pelo Programa de Antropologia Social da Unicamp. Também é pesquisador discente no Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu). Atua com comunicação estratégica para a promoção dos direitos humanos e da justiça socioambiental. Pesquisa o campo cristão progressista, democracia e direitos humanos e integra a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2788619593887087>



Leon Souza é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É diretor de campanhas na Casa Galileia, organização civil criada em 2021 para engajar públicos cristãos nas agendas de fortalecimento democrático e justiça climática. Entre 2010 e 2019, atuou como assessor da Cáritas Brasileira para as ações com infância, adolescência e juventude, representando a organização em articulações na América Latina e junto à Cáritas Internationalis. De 2019 a 2021, integrou a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam Brasil), como coordenador de articulação.



Regina Fachini é socióloga e antropóloga, com graduação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1995), mestrado em Antropologia Social (2002) e doutorado em Ciências Sociais (2008) pela Unicamp. É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu) e professora permanente dos PPGs em Ciências Sociais e em Antropologia Social da Unicamp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 1-D), coordena a linha de Estudos de Gênero no PPGCS e integra comitês e comissões da área na ABA e na Unicamp. Atua nas áreas de antropologia urbana, gênero, sexualidade, interseccionalidade, políticas públicas e saúde coletiva, com ênfase em temas como cultura e política, LGBTQIA+, corporalidades, subjetividade e acesso ao ensino superior. Coordena o projeto *Obsex_gen*, participa de redes de pesquisa nacionais e internacionais, e tem ampla experiência em orientação e produção científica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6504716405484255>



Renan Baptistin Dantas é antropólogo, mestre em Antropologia Social e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio e integra como pesquisador o Laboratório de Antropologia da Religião (LAR/Unicamp). Possui experiência em etnografia e, desde a graduação, pesquisa o catolicismo em suas múltiplas interfaces. Desenvolve pesquisa de doutorado em Ciências Sociais sobre a relação entre religião e política, com foco na atuação da direita católica no Brasil e na influência do olavismo nesse campo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9347644533498227>



Tabata Pastore Tesser é socióloga formada pela Fundação de Sociologia de São Paulo (FESPSP), mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutoranda no Programa de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Faz parte do Laboratório de Antropologia da Religião (LAR) da Unicamp na linha de pesquisa Gênero, Religião e Poder. Faz parte da Rede de Pesquisadoras por Aborto pelo Direito de Decidir (Repadd) e é pesquisadora visitante do Instituto de Estudos da Religião (Iser). Pesquisa antifeminismos cristãos, aborto e conservadorismos religiosos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4347635826744775>



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushí Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intelligite Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrle
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tia-rajú - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioni
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier
- N. 175 Mulheres, Igreja, Sinodalidade. Esperanças e expectativas - Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon, Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer
- N. 176 Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+ - Leomar Nascimento de Jesus
- N. 177 A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética - Tina Beattie
- N. 178 Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano - Cláudio de Oliveira Ribeiro
- N. 179 “Creio...na ressurreição da carne e na vida eterna”: Escatologia cristã - José Roque Junges
- N. 180 Ecologia integral e encarnação nos povos originários - José F. Castillo Tapia
- N. 181 Vocação, castidade e discernimento: um olhar sobre jovens LGBTs na vida consagrada - João Melo
- N. 182 O Rito Amazônico na Igreja Católica: contexto, desafios e propostas - José F. Castillo Tapia

 UNISINOS